

**QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO FUTEBOL GAÚCHO:
SUBSÍDIO TEÓRICO PARA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Otávio Nogueira Balzano¹
 Gilberto Ferreira da Silva¹
 João Albert Steffen Munsberg¹

RESUMO

No início do século XXI, a problemática das relações entre educação e diferenças étnico-raciais tem sido objeto de inúmeros debates, reflexões e pesquisas no Brasil e em todo o continente latino-americano, principalmente no campo das ciências sociais. Mas essa temática parece não sensibilizar os gestores e docentes dos cursos de formação em Educação Física, pois tanto no meio acadêmico como no senso comum persiste a ideia de que essa disciplina esteja relacionada apenas ao corpo (físico) e à prática esportiva. Este trabalho tem como objetivo contribuir para que o professor de Educação Física da escola básica, embasado em recursos teóricos, adote estratégias pedagógicas de valorização da diferença, reforçando a luta antirracista e questionando as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios. Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico exploratório, apresentando a discussão do tema das diferenças étnico-raciais contextualizadas ao futebol, mais especificamente no processo de inserção, resiliência e protagonismo do afro-brasileiro no futebol gaúcho. O texto está estruturado em três tópicos. Em *Primeiro tempo* abordam-se as principais formulações teóricas do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C) sobre o processo de colonização do poder, do ser e do saber na América Latina, especificamente na relação com o afrodescendente e as questões étnico-raciais. No *Segundo tempo* apresenta-se um relato teórico da inclusão, resiliência e protagonismo do afro-brasileiro no futebol gaúcho, processo que ratifica os conceitos de "colonialidade do poder" e de raça trazidos pelo GM/C. Na *Prorrogação* analisa-se a disciplina de Educação Física na perspectiva de uma prática pedagógica transformadora para o ensino da mesma na escola, utilizando-se da modalidade futebol com o intuito de uma reflexão outra sobre as práticas dessa disciplina. Utiliza-se o futebol gaúcho como meio gerador para o processo de valorização e anunciação, pois esse esporte é de grande representatividade sociocultural no Rio Grande do Sul, fazendo parte do saber popular dos estudantes e estando inserido na formação sócio histórica e cultural do pesquisador. Constata-se que é fundamental que o professor de Educação Física valorize e divulgue, em suas aulas, a verdadeira história da contribuição do afro-brasileiro no Brasil, dando visibilidade e empoderamento a um grupo étnico ainda veladamente discriminado.

Palavras-chave: Discriminação étnico-racial, docência na Educação Física, futebol gaúcho, educação básica.

1-PPGEdu UNILASALLE, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

ABSTRACT

Ethnic-racial issues in gaúcho football: theoretical subsidy for physical education discipline

In the beginning of the XXI century, the problematic of the relations between education and ethnical-racial differences has been object of countless debates, reflections and researches in Brazil and in the Latin American continent, especially in the field of social sciences. This thematic seems not to sensitize the managers and docents of the formations courses in sport science, because even in the academic environment as in the common sense persists the idea that this discipline is related only to the body (physical) and the sportive praxis. This research has as a goal to contribute to that the teacher of sport science of the basic school, based in theoretical resources, adopts pedagogical strategies of the valorization of the differences, reinforcing the antiracist fight and questioning the ethnical-racial relations based in preconceptions and discriminatory behaviors. In methodological terms, it's an exploratory bibliographical study, presenting the discussion of the ethnical-racial differences among soccer, specifically in the process of insertion, resilience and protagonism of the afro descendant in the gaúcho soccer. Soccer is used as a generator mean to the process of valorization and annunciation, because this sport has a great sociocultural representability in the Rio Grande do Sul state, making part of the students' popular knowledge and it's inserted in the sociohistorical and cultural formation of the researcher. It was verified that is very important that the sport science's teacher valorizes and proclaims, in his classes, the true history of the afro descendant in Brazil, giving visibility and empowering to a ethnical group still veiled discriminated.

Key words: ethnical-racial discrimination, teaching at sport science, gaúcho football, basic school

E-mail dos autores:
otaviobalzano@yahoo.com.br
gilberto.ferreira65@gmail.com
prof.jasm@gmail.com

INTRODUÇÃO

Início do jogo

Este artigo está estruturado como nos tempos de um jogo de futebol. Nesta parte faz-se a apresentação do trabalho, como se fosse a contextualização do jogo.

No início do século XXI, a problemática das relações entre educação e diferenças étnico-raciais tem sido objeto de inúmeros debates, reflexões e pesquisas no Brasil e em todo o continente latino-americano, principalmente no campo das ciências sociais. Mas essa temática parece não sensibilizar os gestores e docentes dos cursos de formação em Educação Física. Tanto no meio acadêmico como no senso comum persiste a ideia de que a Educação Física esteja relacionada apenas ao corpo (físico) e à prática esportiva.

Durante a trajetória escolar e acadêmica, verificou-se que o tema afro-brasileiro¹ no futebol brasileiro não era abordado na escola nem na universidade.

Como professor no ensino superior, também se constatou que esse assunto não fazia parte do currículo das disciplinas de futebol. De seis instituições de ensino superior que ofertavam curso de licenciatura em Educação Física, pelas quais se passou como acadêmico ou como profissional, nenhuma abordava o referido tema.

Pesquisando a respeito dessa questão, tem-se como hipótese, pela experiência profissional², que as disciplinas

que contemplam o futebol são compostas por conhecimentos e metodologias de ensino marcados pelo modelo hegemônico eurocentrista. Esses conhecimentos são transmitidos através de práticas tradicionais, com pouca valorização dos conhecimentos produzidos pelo “outro”³ no Brasil, principalmente a contribuição dos afro-brasileiros no futebol gaúcho e brasileiro.

Em diversos estudos realizados (Braga, 2015; DaMatta, 1982; Helal, Gordon Jr, 2001; Rodrigues Filho, 2003; Soares e Lovisolo, 2003), verificou-se que o Brasil se tornou um país diferenciado no futebol e reconhecido no mundo pela contribuição cultural e esportiva do afro-brasileiro.

Tal contribuição ocorreu sob intenso processo discriminatório da elite branca da época. No Rio Grande do Sul esse processo discriminatório para com os afro-brasileiros foi semelhante ao do centro do país⁴.

Esta pesquisa tem como objetivo discutir o tema das diferenças étnico-raciais contextualizadas ao futebol, mais especificamente o processo histórico de inclusão, resiliência⁵ e protagonismo dos afro-

ensino superior em Educação Física: São Judas Tadeu, Unilasalle e Unisinos. Hoje é consultor do Projeto “CBF Social”, capacitador nível C do projeto “CBF Academy”, professor de futsal e futebol da Universidade Federal do Ceará (UFC) e coordenador do Núcleo de Pesquisas em Esportes (NEPE/UFC). Foi coordenador do projeto “A inserção da Universidade no futebol” na cidade de Fortaleza. Escreveu mais de trinta artigos sobre futsal e futebol e é autor de dois livros de futsal publicados pela editora Fontoura.

³ Os autores do Grupo “Modernidade/Colonialidade” usam frequentemente expressões como: “pensamento outro”, “conhecimento outro”, etc. Neste contexto, a palavra “outro” quer se referir não somente a qualquer perspectiva alternativa, que pode estar inserida em uma lógica de fundo que não é posta em questão. Quer significar uma mudança de ótica, de lógica, de paradigma (Candau e Oliveira, 2010)

⁴ A retrospectiva histórica da discriminação e inserção dos jogadores de origem negra no futebol brasileiro. (Balzano, Oliveira e Pereira Filho, 2010). <http://www.efdeportes.com/efd149/discriminacao-dos-jogadores-de-origem-negra.htm>

⁵ Resiliência é a capacidade humana de superar as adversidades, transformando os momentos difíceis em oportunidades para aprender, crescer e mudar. Resiliência é uma das palavras mais usadas para descrever Mandela. Após cinco décadas de luta, Nelson Mandela (1918-2013) foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul, mas antes disso o líder da África Negra lutou contra um intenso e perverso regime de segregação e discriminação racial – o *apartheid*. A sua força e desejo de ajudar as pessoas que sofriam com o preconceito não repercutiu apenas no continente africano, mas passou a ser um exemplo para todo o mundo. Disponível em :

¹ Utilizamos o termo “afro-brasileiro” quando estivermos referindo-nos a população de origem negra no Brasil. Fizemos essa abordagem, amparado na Lei Federal n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que utiliza-se dessa terminologia. E utilizamos o termo afrodescendente quando estivermos apontando para a população negra para além do Brasil.

² Prof. Ms Otávio Nogueira Balzano é especialista em Pedagogia do Treinamento Esportivo pela ESEF/UFRGS, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade La Salle – Unilasalle, de Canoas/RS. Foi técnico de futsal na Associação Cristã de Moços (POA), S. C. Internacional, ULBRA/Canoas, ACBF/Carlos Barbosa. Também foi técnico da Seleção Gaúcha sub 20 de futsal em 2002 e auxiliar técnico da Seleção Brasileira de Futsal em 2008. Participou de vários cursos de futsal de futebol cancelados pela FGFS, FGF, CBF, CBFS, Grêmio FBPA e S. C. Internacional. Foi palestrante de muitos Congressos em Educação Física no Rio Grande do Sul, tendo como tema das palestras o futsal e o futebol. Foi professor de futsal e futebol nos Colégios Israelita, Americano e Bom Conselho (todos em Porto Alegre). Professor e técnico de futsal e futebol das instituições de

brasileiros no futebol gaúcho, como possível subsídio teórico para a disciplina de Educação Física a partir da educação básica.

Entende-se que é na escola que o professor de Educação Física deve abordar essas questões, como conteúdo de sua disciplina, para que seus alunos compreendam e valorizem a contribuição que tornou o futebol brasileiro referência mundial, e que possibilite ao estudante fazer uma análise crítica do processo de discriminação que os afro-brasileiros sofreram e sofrem até hoje no Brasil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo está estruturado como nos tempos de um jogo de futebol. Nesta parte faz-se a apresentação do trabalho (*Início do jogo*), como se fosse a contextualização do jogo.

Em *Primeiro tempo* abordam-se as principais formulações teóricas do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C)⁶ sobre o processo de colonização do poder, do ser e do saber ocorrida na América Latina, especificamente na relação com o afrodescendente e as questões étnico-raciais.

No *Segundo tempo* apresenta-se um relato teórico da inclusão, resiliência e protagonismo do afro-brasileiro no futebol gaúcho, processo que ratifica os conceitos de “colonialidade do poder” e de raça trazidos pelo GM/C.

Já na *Prorrogação* a Educação Física ganha centralidade, utilizando-se a modalidade futebol com o intuito de uma reflexão “outra” sobre as práticas dessa

disciplina, optando-se por uma prática pedagógica transformadora para o ensino da mesma na escola.

Em *Final* do jogo faz-se o rescaldo da reflexão, destacando-se as lições tiradas do jogo e perspectivando um *fair play*, isto é, uma maneira outra do fazer pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiro tempo

Grupo Modernidade/Colonialidade e as principais contribuições sobre as questões étnico-raciais

Encontrou-se no Grupo “Modernidade/Colonialidade” (GM/C) as justificativas porque a população do Brasil, na sua maioria constituída por pessoas de origem africana, o que influencia no “ser brasileiro”, desconhece sua cultura e sua história. Compreender sua cultura e sua história é compreender a si mesmo, e isto é fundamental para a formação humana.

A principal teoria do GM/C é que “[...] a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada” (Mignolo, 2005, p. 75).

Para o autor, modernidade e colonialidade são as duas faces da mesma moeda. Graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente.

A modernidade, como novo paradigma de vida cotidiana, de compreensão da história, da ciência, da religião, surge ao final do século XV com a conquista do Atlântico. A América Latina entra na modernidade como a face dominada, explorada e encoberta dessa relação de poder. Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas simultaneamente a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (Mignolo, 2005) e do imaginário (Quijano, 2005).

Quijano (2005) vai propor o conceito de “colonialidade do poder” para referir-se a essa situação. Esta seria uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista europeia desses continentes. E mais: a América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de

www.significados.com.br/historias-sobre-a-resiliencia-humana/

⁶ O grupo é formado predominantemente por intelectuais da América Latina e apresenta caráter heterogêneo e transdisciplinar. As figuras centrais desse grupo são: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino-estadunidense Walter Mignolo, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, a linguista estadunidense radicada no Equador Catherine Walsh, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, entre outros. Esse grupo mantém diálogos e atividades acadêmicas conjuntas com o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein. O postulado principal do grupo é o seguinte: “a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada” (Mignolo, 2005, p. 75). Ou seja, modernidade e colonialidade são as duas faces da mesma moeda. Graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente.

um padrão de poder de vocação mundial e por isso, como a primeira identidade da modernidade.

Um processo histórico que se tornou fundamental para o novo padrão de poder europeu foi a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça⁷, ou seja, uma suposta distinção na estrutura biológica que situava uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América Latina identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras.

Assim, termos como espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial (Quijano, 2007).

Conforme Mignolo (2005), a expansão ocidental após o século XVI não foi somente econômica e religiosa, mas também das formas hegemônicas de conhecimento, de um conceito de representação do conhecimento e cognição, impondo-se como hegemonia epistêmica, política e historiográfica, estabelecendo, assim, a colonialidade do saber.

Porém, nos séculos XVIII e XIX o critério de avaliação passa a ser a história. Ou seja, os povos “sem história” situam-se em um tempo “anterior” ao “presente”. Além da colonialidade do poder e do saber, esse domínio europeu também institucionalizou no imaginário do colonizado a colonialidade do ser (Walsh, 2005).

Segundo o GM/C, é no conceito de colonialidade do ser, que mais se explicita a força dos conceitos vistos anteriormente. A colonialidade do ser é pensada, como a negação de um estatuto humano para africanos e indígenas, na história da modernidade colonial.

⁷ Quijano (2007) explicita que o conceito de raça é uma abstração, uma invenção que nada tem a ver com processos biológicos. É no século XVI que se cria a união entre cor e raça, e, mais, esse conceito, para o autor, exerce papel fundamental no desenvolvimento do capitalismo moderno a partir do século XIX. Além disso, esse conceito operou a inferiorização de grupos humanos não-europeus, do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos.

Para Mignolo (2005), foi consolidada junto com essa história um dos principais núcleos de colonialidade/ modernidade/ eurocêntrica: uma nova concepção da humanidade, segundo a qual a população mundial se diferencia pelo fato de ocupar a parte superior ou a parte inferior do globo, segundo a qual as pessoas são denominadas de racionais ou irracionais, de primitivas ou civilizadas, de tradicionais ou modernas, de brancas ou outras raças.

Observa-se a dificuldade de identificação social que o afrodescendente encontra na sociedade. Todos os parâmetros e indicadores estão relacionados com a história eurocêntrica, onde o afrodescendente entra como “bem móvel”, que pode ser deslocado para qualquer lugar. Nessa perspectiva conceitual de diferença entre as raças é que o afro-brasileiro inseriu-se no futebol gaúcho no início do século XX.

Com a intenção de demonstrar a colonialidade do ser sofrida pelos afro-brasileiros, neste caso o futebolista afro-brasileiro no Rio Grande do Sul, que mesmo assim mostrou seu poder de resiliência chegando ao protagonismo esportivo, que se traz uma abordagem histórica da inserção do afro-brasileiro no futebol gaúcho, com a intenção de que os professores de Educação Física se apropriem desse conhecimento e o transmitam para os alunos da escola básica, na perspectiva de uma análise crítica as diferenças étnico-raciais.

Segundo tempo

A inserção, resiliência e protagonismo do afro-brasileiro no futebol do Rio Grande do Sul

O futebol chegou ao Brasil em meados de 1894, trazido por estudantes de classe alta que voltavam do Reino Unido com bolas e chuteiras na bagagem, como o caso de Charles Miller e Oscar Cox. O futebol era elitista, praticado em clubes de engenheiros e técnicos ingleses, além de jovens da elite metropolitana que frequentavam estes espaços. Os afro-brasileiros e demais cidadãos pobres brasileiros não eram aceitos nos grandes clubes.

A origem do futebol no Rio Grande do Sul (RS) no final do século XIX, para Jesus (2001), aconteceu através de grande influência

dos alemães. Segundo ele, o Sport Club Rio Grande foi o primeiro clube de futebol criado no RS, contando com a participação majoritária e decisiva de alemães. O autor também ressalta que o advento do futebol no RS também tem relação com a presença de ingleses, pois foram eles os principais importadores dos produtos das charqueadas platinas. Em síntese, os ingleses trouxeram a inovação (informação, as regras e os equipamentos) e os alemães empenharam-se na fundação do primeiro clube dedicado ao esporte.

No final do século XIX o mundo vivia o auge do pensamento racial, segundo o qual a miscigenação era considerada uma das causas da miséria e do atraso brasileiro. Era comum intelectuais da época, segundo Schwarcz (1992), emitirem opiniões, como a do zoólogo suíço Louis Agassiz, que visitou o Brasil em 1865: “Que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças [...] venha ao Brasil, pois não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo.”

Ao que o sociólogo Murad (1995, p. 113) preconiza: “Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas nossas estruturas sociais, nas nossas instituições, e o futebol absorveu, diretamente e indiretamente, essas influências.”

No Brasil, o futebol surgia como uma oportunidade de restabelecer a ordem social embaralhada pela abolição da escravatura, em 1888, e pela proclamação da República, em 1889. A formação dos times dentro dos clubes tinha forte orientação racial. Aqueles que não restringiam estatutariamente a brancos os acessos aos seus quadros eram seletivos por meio dos preços de mensalidade e título (Gerchmann, 2015).

No RS, a dificuldade do ingresso dos afro-brasileiros na cultura do futebol não foi diferente do centro do país⁸. Um fato relevante, segundo Jesus (2001), para o ingresso do afro-brasileiro no futebol gaúcho foi a criação da Liga da Canela Preta. Para o autor, é difícil precisar o momento de fundação

da Liga "Nacional" de Football Porto-Alegrense = Liga da Canela Preta, a “liga dos negros”.

Em Pelotas e Rio Grande também foram fundadas ligas de futebol com participação exclusiva de afro-brasileiros. Em Pelotas foi a Liga José do Patrocínio e em Rio Grande, a Liga Rio Branco. Essas ligas, para Jesus, não tiveram tanto reconhecimento como a Liga da Canela Preta.

Provavelmente o início da Liga da Canela Preta deu-se em meados século XX, a partir da constatação da apropriação, desde 1911 ou 1912, do abandonado campo do Sport Club Internacional (SCI) pela população afro-brasileira local que, numerosa, teria provavelmente possibilidades de organizar alguns times de futebol (Pesavento, 1995).

Tudo começou, segundo Jesus (2001), com a discriminação naturalíssima, na época, praticada pela Liga Metropolitana (liga dos times de elite). Ali, só podiam jogar times de homens brancos. Em resposta, os afro-brasileiros criaram sua liga (Canela Preta) entre 1910 e 1915, atingindo grande reconhecimento na década de 1920.

Conforme Jesus (2001), foi pelo futebol que o afro-brasileiro manteve a resistência e as suas raízes culturais. Na época, início do século XX, os grupos populares utilizavam-se das associações de futebol e blocos carnavalescos como meio para garantir a continuidade de suas descendências culturais, usando o disfarce do futebol para escapar da perseguição estatal.

Segundo Pesavento (1995), é nesse contexto de exclusão social que o futebol se difunde como forma de entretenimento popular numa cidade que se apresenta com um tecido fragmentado, separando nitidamente grupos étnicos e socioeconômicos, fazendo com que esta fragmentação incida sobre a organização do futebol.

Nos anos 20, a Liga Metropolitana (da elite) criou sua segunda divisão (a “liga do sabão”, composta pela classe média baixa), absorvendo os melhores jogadores da Canela Preta, o que acabaria por fazer desaparecer a Liga na década de 1930 (possivelmente em 1933, início do profissionalismo no futebol local) (Anjos, 2007).

Essa mobilidade social controlada, segundo Jesus (2005), também era verificada na equipe de futebol do SCI no início do século XX. Acontecia uma resistência oculta,

⁸ A retrospectiva histórica da discriminação e inserção dos jogadores de origem negra no futebol brasileiro (Pereira Filho e Balzano). Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd149/discriminacao-dos-jogadores-de-origem-negra.htm>

só permitindo o acesso de mulatos bem credenciados.

Conforme Anjos (2007), o SCI teria o primeiro registro de um afro-brasileiro em sua equipe no ano de 1913, o zagueiro Dirceu Alves. Porém, até 1928, apesar de o SCI possibilitar a inclusão de indivíduos não oriundos da elite, era quase inexistente a presença de jogadores afro-brasileiros em seus quadros.

Na década de 30, o SCI também contribuiu para o fim da Liga da Canela Preta, pois passou a utilizar muitos jogadores afro-brasileiros em seu grupo. Segundo Coimbra e Pinto (1994), foi no início da década de 40, que se constituiu o famoso time do SCI chamado de "Rolo Compressor".

Este era um time extremamente ofensivo, que durou de 1940 até 1948, conquistando oito campeonatos estaduais em nove anos. O motivo de tamanha superioridade datava de 1939, ano que o SCI passou a utilizar jogadores afro-brasileiros em seu grupo, prática ainda não adotada pelo rival Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Para os autores, isso acabou fortalecendo a equipe, que não tinha restrições e acabava sempre com os melhores jogadores, além de criar o carinhoso apelido de "Clube do Povo".

Segundo Braga (2008), jogadores de origem afro-brasileira como Ávila, Alpheu, Nena, Adãozinho chamado de "negrinho do pastoreio", Abigail e Tesourinha, foram os protagonistas do "Rolo Compressor".

Jesus (2005), ratifica dizendo que coube ao SCI, clube menos atrelado a valores elitistas, a iniciativa de recrutar esses jogadores afro-brasileiros e pobres, precisamente a partir de 1939, com o objetivo de reforçar sua equipe.

Assim surgiu Tesourinha, que, durante cinco anos, foi o primeiro gaúcho titular da Seleção Brasileira, antes de ir para o centro do País. Na década seguinte, foi adotado como símbolo máximo do Internacional "o Saci", expressiva figura folclórica regional a representar a malícia e os poderes obscuros de uma negritude excluída (Jesus, 2005).

Foi na década de 70 que o SCI alcançou reconhecimento nacional, tendo como protagonistas no seu elenco os afro-brasileiros como Caçapava, "Ecurinho", Jair "o Príncipe Jajá" e Dario "o Rei Dadá". Em 2006 o SCI chegou ao ápice futebolístico, com

a contribuição dos afro-brasileiros Tinga, Yarlei, Edinho, Adriano Gabirú e Clemer.

Segundo Damo (2002), o SCI desenvolveu um racismo tipicamente à brasileira, que é: conviver com os afro-brasileiros, desde que eles se mantenham na senzala, não tem "problema" nenhum. Você tinha afro-brasileiros no estádio, mas você não os encontrava na cadeira cativa, no conselho deliberativo, na diretoria. Mas, na Coreia, sim; lá na parte menos nobre do estádio, não havia problema, na lógica do racismo à brasileira, que é um racismo inclusivo. Conforme o autor, o Inter, dos "coreanos", acumulava diversos craques afro-brasileiros, mas, mantinha os cargos diretivos do clube, do Conselho Deliberativo, da comissão técnica, além das cadeiras numeradas, "reservados", mesmo que naturalmente, aos brancos.

Mas decidido a fazer valer na prática o autoproclamado título de "Clube do Povo", no final do ano de 2016, o SCI confirmou o lançamento da categoria "Sócio Popular", para o início de 2017. Por meio da nova categoria, os torcedores pagarão uma mensalidade de dez reais e poderão obter, pela mesma quantia, o ingresso para jogos no estádio Beira-Rio. A iniciativa mira o público de menor poder aquisitivo, que nos últimos anos tem se ressentido dos valores praticados nos sites e bilheterias desde que os estádios deram lugar às modernas arenas. O "Sócio Popular" também terá que atender a algumas exigências. Dentre elas está a comprovação de que o candidato tem renda individual de até dois salários-mínimos mensais, ou é aluno de escola pública, ou participa de projeto social do governo.

A origem do outro clube importante da cidade de Porto Alegre, o Grêmio FBPA, em 1903, segundo Jesus (2005), está diretamente associada à poderosa comunidade germânica local. Logo após sua fundação, o Grêmio FBPA recebeu do Banco Alemão o terreno para sua sede em zona nobre da cidade (campo da Baixada - hoje parque Moinhos de Vento).

Apesar do discurso de negação germânica na história oficial do Grêmio, está nos nomes dos atletas sócios e membros da diretoria, no estatuto de fundação do clube, muitos com origem germânica (Pires, 1967).

Mantendo-se fiel aos seus estatutos⁹, conforme Pires (1967), o Grêmio persiste oficialmente¹⁰ em recusar a inclusão de atletas afro-brasileiros até o ano de 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto (SCI), rompendo enfim com sua tradição racista¹¹.

Nesse momento o clube inaugura seu estádio (Olímpico) em zona suburbana na cidade de Porto Alegre. Na época, segundo o autor, por iniciativa do presidente Saturnino Vanzelotti, o clube foi atrás de um grande jogador afro-brasileiro que desse fim, em grande estilo, à discriminação no clube. Neste sentido, contratou Tesourinha, ex-ídolo do SCI, que estava no Vasco da Gama do Rio de Janeiro. A chegada dele ao Grêmio FBPA seria um choque nos colorados e um grande reforço para o clube.

Segundo Gerchmann (2015, p. 121), o presidente Vanzelotti após a contratação de

Tesourinha, fez um comunicado à imprensa: “[...] o Grêmio FBPA não faz discriminação de sexo e raça, nem têm preferências políticas ou religiosas”. Conforme Endler (1984), no dia 4 de março de 1952, aos 32 anos, Tesourinha vestiu o novo uniforme para um treino no velho Estádio da Baixada.

Em 16 de março de 1952, contra o Juventude, em Caxias do Sul, Tesourinha quebrou meio século de tradição. Para o autor, o atleta soube se colocar no cenário de sua época, que era traiçoeiro e hostil, ponderando suas atitudes de jogador com posturas culturais e religiosas.

Segundo Endler, o jogador deu sua contribuição ao futebol do sul e manteve sua postura de identidade cultural e de laços com a comunidade negra.

Dois anos depois, 1954, o novo hino do clube, de autoria de um afro-brasileiro, Lupicínio Rodrigues¹², ratifica o projeto de uma nova identidade clubista.

Conforme Gerchmann (2015), com o ingresso de afro-brasileiros na esquadra gremista, como Alcindo, Airton, Juarez, Ortunho, Paulo Lumumba, Volmir e Vieira nas décadas de 50 e 60, o Grêmio teve sua maior hegemonia estadual, ganhando 13 títulos em 14 disputados. Outro fato importante na relação racial envolvendo o Grêmio FBPA foi a participação do afro-brasileiro Everaldo no time campeão mundial em 1970, com a seleção do Brasil. Segundo Gerchmann (2015), com sua morte prematura é hoje representado pela estrela solitária na bandeira do clube desde 1970.

O reconhecimento futebolístico nacional, sul americano e mundial do GFPA aconteceu nos anos 80 e 90, tendo como protagonistas os jogadores afro-brasileiros Tarciso “o Flecha Negra”, Paulo Isidoro “o Tiziu”, Paulo César Caju, Jardel, Roger, Valdo, Ronaldinho Gaúcho.

Mas o dia 28 de agosto de 2014 foi uma data triste na história do Grêmio FBPA.

⁹ Segundo Gerchmann (2015), nos estatutos do Grêmio FBPA, não existe nenhum parágrafo que proíba a associação de negros no clube. Mundstock (2012) cita como exemplo o jogo das equipes do Grêmio, o Porto-Alegrense da época, que haviam acertado duas partidas contra o Nacional, a partida inicial – conhecida hoje como preliminar – seria disputada pelo “segundo quadro”. A equipe que entrou em campo na partida preliminar era formada basicamente por jogadores, associados do clube do ano vigente e do ano anterior (1911 e 1912). E lá estava Antunes. Antunes não foi apenas um dos jogadores a vencer o Nacional, mas sim, o primeiro negro a vestir a camisa do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Seu nome completo seria Armando Luiz Antunes, um negro, associado do Grêmio, o maior clube da cidade na época.

¹⁰ A história da presença de negros no Grêmio é muito contraditória. Existem fotos, que mostram o time do Grêmio com um negro (Adão Lima) em sua equipe nos tempos do lendário goleiro Eurico Lara, que permaneceu no clube entre 1925 e 1935 (Gerchmann, 2015). Pesquisas recentes realizadas pelo clube indicam que os primeiros negros (ou pardos) a atuarem foram os Irmãos Carlos e Alfredo Mostardeiro, na equipe principal a partir de 1911 (tendo ingressado no clube em 1909 e participado da segunda equipe em 1910) (Endler, 1984).

¹¹ Em 1946, no mesmo ano em que o aristocrático mascote do Mosqueteiro é adotado pelo Grêmio, o Dr. Aurélio Py (que fora presidente do Grêmio por nove vezes entre 1912 a 1930, além de diretor da faculdade de Medicina da UFRGS, reitor da UFRGS e também deputado estadual pelo Partido Republicano Rio-Grandense por três legislaturas) torna-se patrono do Grêmio e, em discurso de posse, professa o ‘Credo do Bom Gremista’. O Credo do Bom Gremista, também conhecido como Oração do Dr. Py. Era uma profissão de fé tipicamente positivista e continha, entre os dezesseis pontos, a seguinte sentença: “CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro”, seguida por “CREIO no Grêmio porque a tradição mantém a família gremista unida, forte e entusiasta.” (Damo, 2002).

¹² Nas reflexões de Lupicínio ele só não conta que o pai fora também um jogador da Liga das Canelas Pretas, e que o maior rival do Grêmio, o Inter seria o “culpado” de seu pai não ter brilhado ainda mais no futebol gaúcho. Tudo porque o clube colorado teria sido um dos clubes a vetar a participação dos clubes oriundos da Liga da Canela Preta em meados da década de 1920, quando a Federação Gaúcha de Futebol tentou unificar as diversas ligas existentes. Lupicínio teria, então, ficado com ódio mortal do rival e daí a escolha pelo Grêmio (Gerchmann, 2015).

Na noite daquele dia, enquanto o clube perdia, em sua Arena, para o Santos, pelo jogo de ida das quartas-de-final da Copa Sadia do Brasil, alguns torcedores dispararam ofensas racistas contra o goleiro adversário, "Aranha". De tão grave, o episódio fez com que o tricolor fosse prontamente eliminado do torneio.

Desde então, o Grêmio FBPA tem se posicionado fortemente contra o racismo em sua casa e no futebol. Posicionamento que ganhou ainda mais contundência com o lançamento da websérie "Somos Azuis, Pretos e Brancos" – tema que, inclusive, já havia sido usado numa campanha anterior do clube sobre o tema, e exaltado em sua ativação de 111 anos.

No futebol, o gaúcho nunca teve muita cerimônia para usar a cor da pele na diferenciação dos clubes. O Grêmio FBPA representava a elite; o SCI, mais popular, virou "time do povo". Com o passar dos anos, ficou tudo muito parecido. O Grêmio conquistou torcedores nas camadas menos favorecidas, o Internacional reuniu fãs nas elites. Mas o tema branco e preto seguiu sempre na pauta das arquivadas.

Segundo DaMatta (1982), é fundamental que se visualize o futebol além do seu caráter funcional, pois só desta maneira, torna-se possível compreender a função política e social desse esporte que acaba trazendo à tona várias tensões sociais. É necessário compreender que o futebol alcança importância sociocultural imensa no Brasil, a ponto de se afirmar ser este o país do futebol. Por isso, é necessário que o professor de Educação Física aprofunde seus conhecimentos sobre o que pode vir a ser o futebol, para além das quatro linhas que circunscrevem o campo de jogo¹³.

Prorrogação

A cultura do futebol como conteúdo para uma Educação Física transformadora na escola básica

O Futebol é, sem dúvida, um fenômeno de grande valor no quadro da cultura desportiva contemporânea. Paradoxalmente, é possível ainda constatar a

existência de significativas "resistências" ao nível do reconhecimento do potencial educativo e formativo que esta modalidade tem enquanto matéria de ensino. Negar o conhecimento extraescolar dos alunos é assumir um discurso ideológico capitalista, no qual apenas na escola é que estão os saberes considerados socialmente relevantes.

No Brasil, o contexto familiar é relevante para aprendizagens e experiências dos estudantes a respeito do jogo de futebol e outros saberes. Segundo Daolio (2003), a "naturalidade" do jogo de futebol no Brasil pode adquirir conotações de "natureza humana". Como exemplo, no ano de 2010 foi estampada na gola da camisa oficial da Seleção Brasileira de Futebol a frase: "Nascido para jogar futebol". Essa frase contém a convicção de que nascer no Brasil garante à pessoa uma condição "natural" para jogar futebol.

Mas o futebol como produto cultural faz a criança e o jovem viverem uma dicotomia ao ingressar na escola. Isso porque a bagagem motora e cultural advinda do futebol (aprendido na rua) é deixada de lado na escola, para que este jovem passe a ter um aprendizado sistemático, muitas vezes limitando sua criatividade, tomada de decisão e consequentemente seu pensamento crítico.

Segundo Daolio (1995), não considerar as experiências extraescolares dos alunos, é considerar que a escola é a única detentora dos saberes discentes. E que é na Educação Física que a pessoa, em sua totalidade, aprende saberes necessários para agir em sociedade e se torna cidadão. O aluno, em específico o afro-brasileiro, não é uma "tabula rasa", pois traz uma bagagem cultural étnica transmitida pela família e sociedade, que não pode ser ignorada pela escola e pela universidade, pois é fundamental para desenvolver um processo de conhecimento.

Ainda hoje a prática da Educação Física tem sido traduzida, predominantemente, como atividade desportiva. A iniciação precoce, a performance e o imediatismo desconsideram a individualidade de cada aluno. Os movimentos são estereotipados, gerando conformismo pela ausência do exercício da crítica e do espaço da criação.

A questão não é negar a possibilidade escolar de formação da cidadania, mas entender que contextos extraescolares – jogar

¹³O futebol como proposta de atividade teórico reflexiva na Educação Física (Balzano e Pereira Filho, 2011). <http://www.efdeportes.com/efd155/o-futebol-como-proposta-de-atividade-teorico-reflexiva.htm>

futebol na rua – também se constituem como outras referências para a construção do conhecimento do aluno (Daólio, 1995).

O futebol é o esporte mais praticado do Brasil e um tema latente na sociedade (DAMO, 2002). Devido à influência deste desporto na cultura gaúcha e brasileira, entende-se que o futebol possa contribuir na/para a formação cidadã dos estudantes da escola básica.

Conforme Darido (2001), é função do professor e da escola transmitir conhecimentos produzidos pela sociedade. Pois como professores e, conseqüentemente educadores tem-se o dever de abordar temas relevantes como racismo, saúde, política e cultura, dentre outros. Para a autora, a Educação Física, sob o ponto de vista das manifestações sociais, culturais e políticas, pode auxiliar no processo de inserção social do estudante na escola e na sociedade.

A Educação Física apresenta uma multiplicidade de aspectos que devem ser abordados e aplicados no processo educacional. Dentre eles, a ressocialização do indivíduo assume um papel muito importante na sociedade atual (Brasil, 1998).

No regime instituído pela LDB de 1996, a escola é autônoma para elaborar sua proposta pedagógica. Em decorrência, aumenta a responsabilidade da escola e dos professores em relação à qualidade do ensino ministrado e do fazer pedagógico dos docentes (Brasil, 1996).

De acordo com Kunz (1999, p. 52), "[...] a escola deve ser aquela instância em que os Esclarecimentos do Mundo possam ser esclarecidos. Só isso pode conduzir a uma prática pedagógica emancipatória." Com isso, o autor quer afirmar que, apesar de estar sendo influenciado por informações de todos os meios, é preciso sair da mera incorporação e cópia dessas informações, mediante uma reflexão comunicativa e crítica, que supere esses limites para efetivamente construir conhecimentos.

Para que a escola exerça uma função transformadora, Kunz (1994, p. 115) dispõe que o ensino deverá "[...] ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir de conhecimentos colocados à sua disposição pelo contexto sócio cultural onde vivem." Nessa perspectiva de transformação, a disciplina de Educação

Física deve ser tratada de maneira mais ampla, além da prática esportiva.

Partindo do contexto de uma prática emancipatória para o ensino da Educação Física, propõe-se introduzir no conteúdo desse componente curricular a contribuição cultural do afro-brasileiro no futebol gaúcho, entendendo que o futebol possa ser gerador da discussão de questões transformadoras da realidade.

Como a maior expressão popular do Brasil segundo Guterman (2009), e fazendo parte da realidade sociocultural dos estudantes, o futebol pode contribuir para uma nova perspectiva de ensino da Educação Física na escola, numa proposta transformadora.

Nesse sentido, o futebol precisa ser compreendido numa visão crítico-transformadora¹⁴, construindo com os alunos as diversas formas em que esse esporte pode ser contextualizado, indo além dos aspectos técnicos e táticos do esporte normatizado e incorporando outros sentidos e significados para a prática do jogo.

De acordo com Oliveira (1986), a função social da Educação Física é criar uma atmosfera que permita despertar uma consciência crítica dos alunos. O objetivo de um professor de Educação Física não é somente a formação de atletas, mas também contribuir com a formação integral dos discentes.

O Ministério de Educação, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), passa a incorporar nas disciplinas os chamados temas transversais, entre os quais o relativo à diversidade cultural, possibilitando uma visão diferenciada no aspecto cultural para a Educação Física.

¹⁴ O fenômeno social do esporte (principalmente o futebol) deve ter a capacidade de colocar o praticante na situação dos outros participantes no esporte; ser capaz de propiciar a visualização dos componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo; além de poder desenvolver as competências da autonomia, interação social, bem como da competência objetiva. Com isso, em vez de ensinar os esportes (futebol) na Educação Física pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que tornam o fenômeno esportivo transparente, permitindo aos alunos a melhor organização da realidade do esporte, dos movimentos e dos jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades; a interação solidária e social em princípios de co e autodeterminação; e se expressar como ser corporal no diálogo com o mundo (Kunz, 1994).

De acordo com os PCNs de 1998, a Educação Física escolar é a área do conhecimento que integra o aluno na cultura corporal do movimento, formando um cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. Para isso deve ser instrumentalizada na escola, usufruindo das diferentes modalidades desse componente curricular, dos jogos, dos esportes, das lutas, das ginásticas e das danças de acordo com a cultura local, propiciando a vivência do exercício crítico da cidadania na perspectiva de melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Conforme Kunz (1999, p. 24), “[...] é necessário orientar o ensino num processo de desconstrução de imagens, desconstrução de imagens negativas que o aluno interioriza, com relação à prática dos esportes como se apresentam atualmente, institucionalizados e normatizados.”

Nesse sentido, o professor deve compreender que as ações discentes, neste caso o futebol, são construídas e realizadas na escola e fora da escola, e são essas ações que carregam saberes distintos acerca desse esporte. Saberes pautados cientificamente e saberes fundamentados no senso comum.

Ao escolher uma prática pedagógica transformadora para a Educação Física, utilizando a modalidade futebol como tema gerador, acredita-se na possibilidade de proporcionar a reflexão sobre esse esporte e os diferentes contextos em que o mesmo se apresenta, seja educacional, lazer ou de rendimento, e também a reflexão sobre a importância da contribuição do afro-brasileiro no futebol. Isso, em especial, porque os afro-brasileiros, ainda discriminados na sociedade gaúcha e brasileira, foram e são fundamentais para o reconhecimento do futebol no Brasil.

Essa população ainda desconhece sua cultura e sua história negra, porque ela está ausente na prática pedagógica escolar, principalmente na Educação Física.

A contribuição importantíssima do afro-brasileiro na construção do Brasil deu origem a uma lei federal na área da Educação, a Lei n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que dispõe em seu Art. 26-A§ 2º, o seguinte: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de *todo o currículo escolar*, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira” (Brasil, 2004).

Além disso, entende-se que é obrigação da Educação Física reconhecer a contribuição afro-brasileira, e também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos da resistência negra, desencadeada pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade.

O resgate da autoestima do afro-brasileiro passa por um processo no qual o professor de Educação Física poderá mostrar-lhe que ele possui valores culturais tão fundamentais, tão ricos, quanto os de quaisquer outras culturas.

Final do jogo

Elementos de cunho preconceituoso, seja em relação a etnia, religião, posição político-filosófica, sexo, cor, dentre outros, podem ser encontrados na sociedade desde os longínquos tempos do Brasil Imperial.

Ainda que tais elementos ostentem características nitidamente primitivas, dotadas de cunho subdesenvolvido, podem ser verificados em pleno século XXI.

Se não fossem os fatos preconceituosos destacados dia após dia na imprensa, poder-se-ia afirmar que o preconceito (enraizado ou não) se traduz em uma figura totalmente ultrapassada e rejeitada pela maioria das pessoas. Porém, o que se afirmar é justamente o contrário.

Mesmo com essa suposta aceitação das elites, para a entrada dos afro-brasileiros nos clubes importantes do futebol gaúcho e a ascensão dos afrodescendentes através desse esporte, os momentos de tensões e de discriminação se sucedem ao longo dos anos.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa pretendeu mostrar os motivos desta “pouca aceitação”, buscando nos conceitos do GM/C a possível origem dessa discriminação, iniciada no século XV, com a colonização dos europeus na América Latina, onde foram instituídos os conceitos de raça e de colonialidade do poder, do ser e do saber.

Essa colonização também se estabeleceu no futebol brasileiro, e conseqüentemente no futebol gaúcho, perdurando até os dias de hoje, evidenciada no “racismo inclusivo”.

Entende-se que a Educação Física possa ser o caminho para uma transformação desse pensamento discriminatório, e possa se

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

dar, nas aulas de Educação Física, por meio do desporto futebol.

Isso porque esse esporte faz parte da cultura dos estudantes, sendo um saber originário e educativo, forjado nas experiências dos sujeitos, constituindo-se no ponto de partida para o processo de aprendizagem e emancipação social.

Entende-se ser na escola que o professor de Educação Física se aproxima de questões relativas à formação integral pelo esporte, contextualizando saberes populares e científicos e, dessa forma, proporcionando que o discente conheça e compreenda o esporte (futebol) numa visão emancipatória, na qual respeite, conviva e valorize o "outro".

REFERÊNCIAS

- 1-Anjos, J. L. Futebol no Sul: história da organização e resistência étnica. *Revista Pensar a Prática*. Vol. 10. Núm. 1. 2007.
- 2-Pereira Filho, J. M.; Balzano, O. N. O futebol como proposta de atividade teórico reflexiva na Educação Física. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 16. Num. 155. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd155/o-futebol-como-proposta-de-atividade-teorico-reflexiva.htm>>
- 3-Balzano, O. N.; Oliveira, D. M. N.; Pereira Filho, J. M. A retrospectiva histórica da discriminação e inserção dos jogadores de origem negra no futebol brasileiro. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 15. Num. 149. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd149/discriminacao-dos-jogadores-de-origem-negra.htm>>
- 4-Braga, H. P. A doce recordação do que não vivi: a formação da identidade nacional no futebol (1938-1950). Dissertação Mestrado. Universidade estadual de Campinas Faculdade de Educação Física. Campinas. 2015.
- 5-Braga, K. Rolo Compressor: memória de um time fabuloso. 2ª edição. Porto Alegre. Já Editores. 2008.
- 6-Brasil. Diretrizes Curriculares Nacionais Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece diretrizes e bases da educação nacional". 1996.
- 7-Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais. Parecer nº 15, de 2 de junho de 1998. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 1998.
- 8-Brasil. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC. 2004.
- 9-Candau, V. M. F.; Oliveira, L. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. Vol. 26. Núm. 1. p.15-40. 2010.
- 10-Coimbra, D.; Pinto, A. A. N. História dos Grenais. Porto Alegre. Artes e Ofícios. 1994.
- 11-Damatta, R. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke. 1982.
- 12-Damo, A. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2002.
- 13-Daolio, J. Da cultura do corpo. Campinas. Papyrus. 1995.
- 14-Daolio, J. Cultura: educação física e futebol. 2ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2003.
- 15-Darido, S. C. Os conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências dificuldades e possibilidades. *Revista: Perspectiva em Educação Física Escolar*. Vol. 2. Núm.1. 2001.
- 16-Endler, S. Tesourinha. Porto Alegre: Tchê/RBS. Coleção "Esses Gaúchos". 1984.
- 17-Gerchmann, L. Somos azuis, pretos e brancos. Porto Alegre. Editora LPM. 2015.
- 18-Guterman, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país / Marcos Guterman. - São Paulo: Contexto, 2009.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

19-Helal, R.; Gordon Junior, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro. Mauad. 2001.

20-Jesus, G. M. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol. 2001. Lecturas: Educación Física y Deportes Revista Digital. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd14b/apart.htm>> . Acesso em: 25/05/2017.

21-Jesus, G. M. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro. Núm. 19-20. p. 61-70. 2005.

22-Kunz, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí. Unijuí. 1994.

23-Kunz, E. Esclarecimento e emancipação: pressupostos de uma teoria educacional crítica para a Educação Física. In: Revista Movimento. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ano 5. Núm. 10. 1999.

24-Mignolo, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. Clacso. 2005. p. 71-103.

25-Murad, M. "O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol". In: Futebol e Cultura Brasileira... (Pesquisa de Campo) (2). Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ. 1995.

26-Oliveira, V. M. Educação Física humanista. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1986.

27-Pesavento, S. J. Os Excluídos da Cidade in Presença Negra no RS. Cadernos Ponto e Vírgula. Porto Alegre. Unidade Editorial. 1995.

28-Pires, E. A História do Grêmio FBPA. Porto Alegre. Fismo. 1967.

29-Quijano, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. in Lander, E. (Org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.

Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires. Clacso. 2005. p. 227-277.

30-Quijano, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In Castrogómez, S.; Grosfoguel, R. (Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores. 2007. p. 93-126.

31-Rodrigues Filho, M. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição. Rio de Janeiro. Mauad, 2003.

32-Schwarcz, L. M. Nomeando as diferenças: A construção da ideia de raça no Brasil. São Paulo. USP. 1992.

33-Soares. A. J.; Lovisolo, H. R. A construção histórica do estilo nacional. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas. Vol. 25. Núm 1. 2003.

34-Walsh, C. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito. Ediciones Abya-Yala. 2005. p. 13-35.

Endereço para correspondência:
Otávio Nogueira Balzano.
Rua costa, 361/804.
Bairro: Menino Deus. Porto Alegre-RS.
CEP: 90110-270.

Recebido para publicação em 26/11/2017
Aceito em 01/01/2018